

Heteronormatividade e a Posse na Subjetividade

Heteronormativity And Ownership In Subjectivity

Alessandra Matos dos Santos¹
 Email: alessandramatos092@gmail.com
 Profa. Ingrid Porto de Figueiredo²

¹ – Graduanda do curso de psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU

² – Docente do curso de psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU

Resumo: a presente pesquisa tem o objetivo de analisar sob um viés crítico a estrutura Heteronormativa, investigando os seus mecanismos de posse e a relação com a subjetividade. Construindo um diálogo entre filosofia e psicanálise, de tal forma que esclareça as opressões do sistema heteronormativo e como atinge as pessoas de forma cultural, histórica e psíquica. A heteronormatividade faz parte do sistema patriarcal, que em sua estrutura produz a valorização do corpo masculino e oprime os outros tipos de corpos. Produzindo uma estrutura binária que em sua base é falocêntrica, trazendo uma ideia fixa de gênero e excluindo as formas de performance que não correspondem à heteronormatividade.

Palavras chaves: falocentrismo, gênero, heteronormatividade, psicanálise

Abstract: this research aims to analyze under a critical bias the heteronormative structure, investigating its mechanisms of possession and the relationship with subjectivity. Constructing a dialogue between philosophy and psychoanalysis, in such a way as to clarify the oppressions of the heteronormative system and how it affects people culturally, historically and psychically. Heteronormativity is part of the patriarchal system, which in its structure produces appreciation of the male body and oppresses other types of bodies. Producing a binary structure that in its base is phallogocentric, bringing a fixed idea of gender and excluding forms of performance that do not correspond to heteronormativity.

Keywords: phallogocentrism, gender, heteronormativity, psychoanalysis

INTRODUÇÃO

A frase da Simone Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”¹ mudou a visão de gênero no século XX, a ideia de que não há uma natureza do gênero e sim uma construção social possibilitou a ciências humanas a estudar outras narrativas sobre gênero. Nessa visão, podemos questionar outras formas de opressão e como elas são moldadas. Como se forma a heteronormatividade? Como ela constrói a subjetividade?

A heteronormatividade compulsória, que é um regime político que interpreta os sujeitos a partir de uma diversidade de artefatos culturais para que todas as pessoas sejam heterossexuais. Segundo Judith Butler, a heteronormatividade compulsória e o falocentrismo são compreendidos como regimes de poder/discurso que responde de maneiras diferentes as questões do

discurso de gênero.² Se o questionamento é a heteronormatividade e como ela tem posse na subjetividade, percebesse que esse sistema é fruto do patriarcado, valoriza um tipo de corpo, que faz parte dessa normativa e exclui outras narrativas que não seja a masculina. Irigaray afirma que a mulher sempre foi vista como objeto, enigma a ser abordado somente em referência aos valores do homem, e não a partir de suas especialidades.³

É notório que a subjetividade é construída com uma estrutura de heteronormatividade, que em seu discurso há uma produção do sistema binário onde existe apenas o feminino e o masculino. Butler vai questionar a complexidade do gênero e os limites da identificação, usando como crítica a visão psicanalítica que até então reproduz um discurso binário.⁴ Que por sua vez reproduz operações para outras identidades que não correspondem a heteronormatividade, de certa forma apaga outras identidades. "Esse enfoque tende a reforçar exatamente a estrutura binária heterossexista que cinzela os gêneros em masculino e feminino e impede uma descrição adequada dos tipos de convergência subversiva e imitativa que caracterizam as culturas gay e lésbicas".⁵ O objetivo desse artigo é analisar sob um viés crítico a heteronormatividade, entender os seus mecanismos de posse na subjetividade e construir um diálogo entre filosofia e psicanálise. De forma que esclareça as operações da heteronormatividade, levantando questionamentos sobre seu mecanismo e como esse sistema atinge a subjetividade de forma cultural, histórica e psíquica.

MÉTODO

Baseando-se na problemática da heteronormatividade compulsória como ela se articula na subjetividade, o artigo investiga como é construído esse sistema. Parte-se de uma pesquisa exploratória de que utiliza levantamento bibliográfico de artigos científicos e livros que abordam temas sobre teoria Queer, gênero, psicanálise e heteronormatividade compulsória. As autoras e autores que serão utilizados neste artigo são: Judith Butler, Luce Irigaray, Sigmund Freud e Lacan.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ordem compulsória do sexo/ gênero e desejo.

Baseando-se na problemática da Heteronormatividade compulsória e suas articulações no campo da subjetividade, o artigo investiga a construção desse sistema com um diálogo entre Psicanálise e teoria Queer. A fim de estruturar esse pensamento, primeiramente será apresentado como base o esclarecimento de Judith Butler sobre "a ordem compulsória do sexo/ gênero e desejo".⁶

A noção de "mulher" está frequentemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, tendo uma divisão no sujeito feminista por meio da distinção de gênero e sexualidade. É questionável o conceito de que o biológico

é destino. A distinção entre sexo e gênero atende à ideia de que o sexo é intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído e não é o resultado causal do sexo nem estruturalmente fixo.⁷

A questão levantada por Butler a respeito da construção de gênero transcende o lugar fixo de destino, este enquanto cultural ou biológico, questionando a ideia de determinismo. A ideia que desconstrói essa narrativa vem a partir do conceito "Ninguém nasce mulher; torna-se mulher", essa ideia de "tornar-se mulher" transcende a estrutura cis normativa, leva o questionamento para outras formas de ser mulher e acrescenta que essa performance é situação.

O corpo como a construção de gênero

Mas quem recebe essa construção? Quem faz essa performance?

A resposta é o corpo. Ele é representado como um mero instrumento ou meio como o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado⁸, mas ele continua na estrutura de construção. Em uma visão psicanalítica, o corpo/ a imagem corporal não é dada de imediato, devendo ser construída pelo sujeito. Isso é mostrado por Freud na diferenciação entre autoerotismo e narcisismo, em que no decorrer do seu desenvolvimento a criança investe libidinalmente e procura obter prazer nas zonas erógenas. O bebê ainda não possui um corpo tendo um investimento do eu como objeto de uma libido por isso mesmo denominada narcísica⁹.

A partir desse investimento narcísico é determinado o eu, resultando em corpo, tornando-se capaz de diferenciar entre eu e objeto. Lacan, a partir dessa ideia, constitui a noção do estágio do espelho e ilustra a conjunção de corpo, imagem, eu e libido¹⁰. A ponte entre a ideia de gênero e corpo é a estrutura da linguagem, como Judith Butler afirma: "Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginário do gênero"¹¹.

Com a linguagem, são delimitadas narrativas, estabelecidos "rótulos" e estrutura-se o que faz parte da normalidade. Constituindo uma estrutura imaginária, que afeta e demarca pessoas.

Nesse discurso, é importante dar visibilidade às ideias de Luci Irigaray¹², que argumenta que as mulheres constituem um paradoxo, se não uma contradição, no seio do próprio discurso da identidade. Sendo elas o "sexo" que não é "uno", trazendo a ideia de que em uma linguagem falocêntrica as mulheres são o irrepreensível e não sendo uno se torna múltiplo.

As frases "Mulher não tem sexo" de Luci Irigaray e "Estritamente falando, não se pode dizer que existe 'mulheres' " trazem como discurso a falta da linguagem da mulher, onde até Irigaray explica que a mulher não acessa o simbólico, é o que estabeleceu a ordem social¹³. Essa dialética constitui uma ideia que exclui uma economia significante inteiramente diferente, sendo assim, não só as mulheres são falsamente na perspectiva de sujeito- significado e do Outro-significado e o resultado disso é a inadequação de toda a estrutura de representação¹⁴.

A partir da afirmação de que a estrutura de gênero é inadequada podemos ilustrar isso com o pensamento de Lacan, o primeiro Estádio do espelho e articular com a ideia de imaginário.

"Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem (...) É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem"¹⁵. Para analisar esse sistema de Heteronormatividade, onde a identificação está ligada em exercer funções ditadas pelo sistema e a subjetividade está ligada à performance. Podemos usar como base de análise a ideia do Nó Borromeano (Lacan) que traz como o corpo se estrutura, tendo em vista não só o âmbito do imaginário, mas sim do simbólico e o real.

Começamos a análise investigando a posição do Real, segundo¹⁶ o real constitui o que conhecemos no aspecto anatomia, não como limitadora, mas que traz suas características "de forma que o destino Subjetivo do anatômico se dará sem a garantia de um instinto ou de um saber inscrito na natureza"¹⁷. Com isso podemos entender que o real é o que está ali, sem nome e sem significado apenas pulsão.

O Simbólico corresponde a ideia de assumir um significante¹⁸, descreve que o significante ocupa um lugar no desejo do Outro que seu objetivo é representar o sujeito no laço social e com isso amplia a ideia de "assunção do sexo" para "decisão subjetiva para o significante". Onde o nome (Lésbica, Trans ...) Representará para o Outro, criando uma questão entre tudo que esse nome representa socialmente e o que individualmente ele é.

E por último o Imaginário, que é a base para transmitir a performance. O corpo precisa realizar um aparelhamento narcísico onde o sujeito se coloca como estruturado, tendo a imagem do que se tenta expressar.

O Gênero e o Social

É visível que o sistema de gênero reproduz uma performance que está acompanhada pelo sistema patriarcal/heteronormativo, que em dinâmica com o social tem como mecanismo a corporificação social¹⁹. Esse mecanismo em termos gerais é a dinâmica entre o corpo e o social e o social e o corpo.

Com isso, é importante compreender que não estamos falando apenas sobre materialidade, mas sim sobre relação de poder, isso quer dizer sobre qual importância internamente essa performance tem a partir dos setores sociais²⁰. O capitalismo, nessa estrutura, exerce a função de extrair lucro dos corpos, usando meios de comunicação para estabelecer um padrão de performance e fomentar operações e em relação à classe social. Corpos que fazem parte da periferia global tem o objetivo de ser usado como manufatura e os das metrópoles a relação da fantasia da perfeição e a venda dessa perfeição²¹.

Connell traz uma provocação a respeito da palavra gênero, relata que é um termo usado para sinônimo de "mulheres". No entanto, os homens também estão envolvidos em relação de gênero e os padrões que atingem a masculinidade estão envolvidos na corporificação de corpos e seus resultados. É uma masculinidade tóxica onde os danos são físicos/mentais.

Uma Visão Subjetiva a Respeito da Heteronormatividade

Em uma leitura Lacaniana sobre a performance heteronormativa, podemos analisar o gozo que se apresenta nesse campo, nessas regras e linguagem. Entende-se que o gozo tem o princípio de prazer, porém tem a natureza de um gasto e tensão²².

O Gozo tem duas categorias, o gozo fálico que está no campo simbólico, limitado pela função fálica, gozo pontual e finito. O gozo não-todo não foi totalmente regularizado pela castração, podemos dizer que é um gozo a mais e não-todo localizado no registro simbólico.

Com isso é visível analisar que o binarismo na heteronormatividade exerce um gozo fálico, uma narrativa limitada ao outro, ao padrão. E a narrativa que transcende os modelos binários está localizada no gozo não-todo, o que não está no padrão opressor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A heteronormatividade é uma estrutura que oprime os corpos, toma posse da subjetividade, das linguagens e narrativas que não correspondem à sua estrutura. O entendimento sobre a heteronormatividade tem um papel importante na desconstrução de gênero, além disso do próprio entendimento como indivíduo.

Será que vestimos o que queremos, será que nos relacionamos com pessoas que queremos, será que somos quem nós queremos? A subjetividade está entrelaçada aos mecanismos de opressão patriarcal, obrigando os corpos a exercer funções e isso traz um fator de sofrimento psíquico.

Entendendo isso podemos construir uma outra narrativa, uma resistência, uma linguagem de representatividade.

REFERÊNCIAS

- 1 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 17p.
- 2 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236p.
- 3 Cossi, RK. Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos. Anna Blume. São Paulo; 2016. 380p.
- 4 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 121p.
- 5 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 121p.

6 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 26p.

7 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 26p.

8 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 30p.

9 Oliveira, DA. Discursos heteronormativos e produção de sujeitos generificados no currículo escolar. Disponível <periódicos.ufpa.br/index.php/revistamagens/views/5436/4529> Acesso em 01 de março de 2018

10 Oliveira, DA. Discursos heteronormativos e produção de sujeitos generificados no currículo escolar. Disponível <periódicos.ufpa.br/index.php/revistamagens/views/5436/4529> Acesso em 01 de março de

11 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 30p.

12 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 31p.

13 Cossi, RK. Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos. Anna Blume. São Paulo; 2016. 33p.

14 Butler, JP. Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades. Tradução de Renato Aguiar. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 32p.

15 Lacan, J. Abertura desta coletânea. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1966. 97p)

16 Lima, V.; Vorcaro, A.. Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito. Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito, UFMG, v. 51, p. 4, 10 jan. 2019. Disponível em: PepsiCo.bvsalud.org. Acesso em: 10 jan. 2019.

17 Lima; Vorcaro, A. Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito. Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito, UFMG, v. 51, p. 4, 10 jan. 2019. Disponível em: PepsiCo.bvsalud.org. Acesso em: 10 jan. 2019.

18 Lima, V.; Vorcaro, A. Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito. Pode a transexualidade operar como amarração nodal do sujeito, UFMG, v. 51, p. 4, 10 jan. 2019. Disponível em: PepsiCo.bvsalud.org. Acesso em: 10 jan. 2019.

19 Connel, R. Gênero em termos reais. 1. ed. São Paulo: NVersos, 2016. 272 p. v. 1. Disponível em: Repositório.ufu.br. Acesso em: 10 jan. 2020. 20p

20 Connel, R.. Gênero em termos reais. 1. ed. São Paulo: NVersos, 2016. 272 p. v. 1. Disponível em: Repositório.ufu.br. Acesso em: 10 jan. 2020. 28p

21 Connel, R. Gênero em termos reais. 1. ed. São Paulo: NVersos, 2016. 272 p. v. 1. Disponível em: Repositório.ufu.br. Acesso em: 10 jan. 2020. 28 a 40p

22 Silva, D. Teresa: a escrita do gozo no corpo. In: TERESA: a escrita do gozo no corpo. [S. l.: s. n.], 2019. cap. 3.2, p. 1 - 86. Disponível em: Repositório.ufu.br. Acesso em: 10 jan. 2020.